

A QUESTÃO DO ORÇAMENTO

por Mário Soares

1. Finalmente o Orçamento de Estado para 2011 foi apresentado ao Presidente da Assembleia da República, tarde na noite do dia 15. Tal como disse o ministro das Finanças, numa curtíssima intervenção, foi o Orçamento mais difícil de fazer dos últimos 25 anos. E, sobretudo, é muito duro para os portugueses, em especial os de menores rendimentos.

Antes, na manhã do mesmo dia, houve o debate quinzenal na Assembleia da República, em que esteve presente o Primeiro-Ministro, como é costume. O tema foi, obviamente, o Orçamento e a sua aprovação ou não. Sócrates afirmou que está disposto a negociar até ao último dia. E que o ministro das Finanças tem a porta aberta, 24 horas por dia, para receber qualquer deputado que tenha sugestões a apresentar.

O Orçamento, em si, quando começou a ser conhecido, tornou-se uma bomba ao retardador, que vai ter consequências, no plano social, imprevisíveis. Foi-nos imposto pelo Banco Central Europeu. Sócrates disse, com sinceridade, que algumas medidas tomadas “cortam o coração”.

Os mercados são insaciáveis, como reconheceu o ministro Teixeira dos Santos, na entrevista que deu no Domingo ao Público. Foi o resultado da ideologia neo-liberal, que transformou os mercados – que ninguém sabe o que são e quem os comanda – e os pôs no centro de tudo: das sociedades, da política, da ética e das próprias pessoas. A América de Bush pensou que, através dos mercados, poderia governar o Mundo, com a globalização desregulada. Enganou-se, como provam os países emergentes e a crise global financeiro-económica que afecta todos.

Os responsáveis da União Europeia, infelizmente, ainda não quiseram compreender que sem mudar de paradigma – com regras éticas estritas, comando político

concertado e uma séria preocupação social e ambiental – a União não poderá voltar a ser o que foi, e a inverter o declínio em que está a cair. É, por isso, que em vez de nos ajudar, nos impõe um Orçamento que tem vantagens, quanto aos cortes no despesismo (inaceitável) do Estado, Regiões Autónomas, Autarquias e Parcerias público-privadas, e grandes inconvenientes, para a paz social, dados os cortes, nos domínios da saúde, das pensões e da educação.

Contudo, atenção, a questão central que está em cima da mesa – e continua a estar, até 28 e 29 do corrente mês – é saber se o Orçamento para 2011 é aprovado ou não na Assembleia da República. E como? Por voto maioritário, ou por mera abstenção. No plano externo, não é indiferente. Se não for aprovado, o actual Governo demite-se, como Sócrates disse e ficará em mera gestão, sem autoridade nem poder. Junta-se, assim, à crise económica e financeira – que nos afecta – uma crise política, que durará meses e estimula os especuladores dos mercados a atacar-nos. O crédito externo tornar-se-ia difícilimo, quer para o Estado quer para os bancos privados e, portanto, para as empresas. Ficaríamos pior do que a Grécia.

Daí que o Banco Central Europeu e a Comissão Europeia – pela voz de Vitor Constâncio, Vice-presidente e de Durão Barroso, Presidente, com os peso das posições que ocupam - tenham dirigido apelos ao PSD para deixar passar o Orçamento. Têm razão, quanto a mim.

Portugal, membro da zona euro e da Comunidade Europeia, há 25 anos, não tinha possibilidade de recusar a imposição de Bruxelas. Como não teve a Espanha, a Irlanda, etc.. A menos que saísse da zona euro ou da Comunidade, o que seria, como se diz, pior a emenda do que o soneto. Um desastre!

É por isso que tenho dito que não há alternativa à aprovação do Orçamento. Os protestos da Esquerda radical, resultam simpáticos, para os que têm de apertar muito o cinto e se sentem injustiçados. Mas não passam disso. Se, por hipótese absurda, chegassem ao poder, por voto dos portugueses, a única alternativa diferente da actual, seria voltarmos ao “orgulhosamente só” de Salazar – num contexto

internacional muito mais difícil – ou a um modelo económico tipo cubano, que hoje todos reconhecem ser de partido único e de miséria extrema.

Não quero com isto dizer – como os leitores já perceberam – que concorde com as receitas economicistas, para ultrapassar a crise, recomendadas pelo Banco Central Europeu, que, a meu ver – e não sou economista – nos vão conduzir à recessão e à decadência, não só a nós, mas à União, se não mesmo à sua desintegração.

Quero só dizer que o nosso combate tem de ser feito no quadro europeu, partidário e sindical, e não no plano nacional que, como tentei explicar acima, só nos pode conduzir a uma situação pior do que aquela em que estamos.

Realmente, o modelo europeu, económico e financeiro neo-liberal, ainda em voga, só nos pode levar a um desastre, a nós todos, europeus. Muitos europeístas conscientes e informados, dos 27 Estados-membros, têm vindo a chamar a atenção para isso, com imensa coragem. Os Nobel da economia, Krugman e Stiglitz, entre outros, têm-no feito com regularidade e clareza, nos jornais e livros em que escrevem. E não são socialistas. Mas perceberam, desde sempre, que o capitalismo especulativo, sem regras éticas, desregulado e tendo como único valor o lucro, está esgotado. É preciso substituí-lo por um novo paradigma, como avisou Obama, com princípios éticos e uma dimensão social e ambiental, a sério.

Os Partidos e os Sindicatos portugueses, com consciência, desta situação, quer apoiem o Governo ou a Oposição, devem associar-se aos seus homólogos de outras nacionalidades europeias, a fim de criarem um movimento de opinião contrário às práticas economicistas do Banco Central Europeu e da Comissão Europeia, através do Parlamento Europeu e fora dele. Antes que as revoltas dos jovens e dos

desempregados ou dos que, simplesmente, sentem a injustiça das restrições que estão a sentir, se lancem em acções violentas e incontroláveis, desesperadas, como parece já estar a desenhar-se em França...

Mas depois de o Orçamento ser aprovado e para termos autoridade e força, como portugueses, para participarmos nesse grande movimento europeu, que vai necessariamente chegar, para evitar a decadência da União e assegurar a continuidade de um dos seus principais traços de identidade: o modelo social europeu, que nos trouxe mais de cinquenta anos de paz, de bem-estar e de democracia. Não se trata de uma utopia. Mas apenas da consequência lógica do projecto político europeu, que não podemos deixar que desapareça.

UMA CONSOLADORA VITÓRIA

2. Com o derrotismo da comunicação social, a vitória da diplomacia portuguesa, ao ter conseguido fazer eleger Portugal como membro não permanente do Conselho de Segurança da ONU, contra um Estado como o Canadá, passou quase despercebida. E, no entanto, foi um feito importante, pelo que significa relativamente ao prestígio de Portugal no Mundo. Vale a pena, por isso, insistir e celebrar o feito, porque disso se tratou, aliás pela terceira vez, felicitando o ministro dos Negócios Estrangeiros, Luís Amado e o nosso Embaixador junto da ONU, José Filipe Moraes Cabral.

Portugal não é um País periférico, pobre e pequeno, como alguns portugueses, novos “vencidos da vida”, gostam de fazer crer. Pelo contrário. Desde o 25 de Abril é um País respeitado em todos os Continentes e admirado. Porque fez uma revolução de sucesso, pacífica, que cumpriu num espaço recorde os objectivos dos “capitães de Abril”: “descolonizar, democratizar e desenvolver”. Depois entrámos, por direito próprio, na CEE (hoje União Europeia) e fazemos parte do

espaço Schengen, abolindo as fronteiras com os nossos parceiros e da zona euro. Além disso, pertencemos à CPLP e todas as nossas ex-colónias, sem exceção, adoptaram a língua portuguesa, incluindo o Brasil. O qual, em 1808, acolheu o nosso Rei D. João VI e a Casa Real, tornando o Rio de Janeiro, a capital do império português. Exemplo único! Hoje, o português é a terceira língua mais falada da Europa e uma língua em expansão. O que não é pequena coisa.

Portugal tem hoje relações com todos os Estados do Mundo e é respeitado e querido, com se viu agora na eleição para o Conselho de Segurança da ONU. Os derrotistas de serviço deviam pensar Portugal numa perspectiva de médio prazo e não tão só nas dificuldades do imediato, nos números e nos deficits. Que têm importância, obviamente, mas não tanto como as pessoas e o peso da História...

O CHILE FOI UMA LIÇÃO

3. O Chile deu ao Mundo uma lição de humanismo e de interesse pelos seus compatriotas aliás, humildes, verdadeiramente excepcional. 33 mineiros, soterrados a 700 metros de profundidade, dezassete dias sem conseguirem comunicar com o exterior, quase sem comida e sem água, conseguiram subsistir, sessenta e nove dias, sem pânico nem desânimo, solidários entre si, e com um líder que os dinamizou e os organizou para poderem resistir. Um feito memorável.

Ouvi e vi a entrevista que o Presidente do Chile, Sebastian Piñero, de passagem por Portugal, deu à TVI. Estava orgulhoso do Chile e do trabalho realizado pelo seu Governo (que teve a contribuição da NASA) para salvar os mineiros. É natural. O Mundo inteiro acompanhou solidariamente e saudou o feito realizado, para o qual o Presidente contribuiu, com a sua presença no local quase diária, entregando ao seu Governo a responsabilidade, nada fácil e seguramente muito dispendiosa, de salvar a vida dos mineiros. Por isso falei em lição de humanismo. Por que foi a salvação dessas vidas que

contou acima de tudo, do dinheiro e dos interesses.
Inesquecível exemplo!

Vimo-los chegar, um a um, barbeados e limpos, sem marcas do horror a que estiveram submetidos, tanto tempo. Sem queixas. Dando vivas ao Chile e agradecendo a solidariedade dos seus compatriotas e do Governo Piñero. Uma lição que o Mundo, neste tempo tão inumano, deve interiorizar, sobretudo junto das jovens gerações.

A CHINA E O FUTURO

4. A China é hoje a segunda grande potência mundial. Verificou-se isso na passada Conferência de Copenhaga sobre o ambiente. Mas tem problemas óbvios, com o seu crescimento demográfico e as desigualdades sociais que daí resultam, entre os rurais, que não param de emigrar, e as populações (não todas, claro) das grandes cidades. Assim, e apesar do grande salto no seu desenvolvimento, a China é um

país cujo futuro é ainda bastante incerto. É o que resulta de um extracto do *Asia Times on line* de Hong Kong.

O Presidente chinês, Hu Jintao, declarou recentemente que a China está disposta a jogar um papel mais importante e construtivo, na cena internacional. É importante, porque a China, ao longo dos tempos, sempre foi um país pacífico e isolado no seu território.

O ideólogo chinês, Zhang Xiaotong, escreveu que o Partido Comunista chinês fez “uma inovação teórica, fundada na compreensão científica do desenvolvimento das mudanças actuais do Mundo. E para tanto cita uma frase do Presidente Hu Jintao em que afirma (cito) “que o futuro e o destino da China contemporânea estão cada vez mais estreitamente ligados ao resto do Mundo (vide *Courrier Internationale*, hors série, intitulado "a China que aí vem").

A Revista americana *Time*, de 4 de Outubro último, refere a luta de moedas entre a China, o yuan, e a América, o dólar, E escreve: “para haver um maior equilíbrio, entre as duas economias, os americanos teriam de consumir menos e poupar mais; e a China comprar mais e poupar menos” ...

E, puxando a brasa à sua sardinha, conclui: “um yuan forte é bom para todos. Enquanto a China não compreender isto, continuará a criar tensões com o resto do Mundo e a impedir a recuperação da economia global”... É uma observação excessiva e unilateral.

Curioso Mundo aquele em que vivemos.

Mário Soares

Lisboa, 19 de Outubro de 2010